



Luiz Antonio  
de Assis Brasil

# Os motivos de Urbano Bettencourt

Não desdenho a plurivalência semântica do vocábulo “motivo” do título, ora declinado no plural; mas como uma resenha deve ser esclarecedora e não agente de confusão, apresso-me a esclarecer que aqui, ao falar nos motivos de Urbano Bettencourt, estou a pensar nas fontes culturais de sua escrita, encontráveis na antologia de seus poemas saída na Primavera de 2019, nominada *Com Navalhas e Navios – poesia reunida 1972-2012*, mas não só: penso, também, nas razões interiores que o levaram a escrever poesia no decorrer das quatro décadas que começam por *Raiz de Mágoa* [1972]. Como as razões interiores pertencem à reserva íntima do poeta, posso, entretanto, adivinhá-las sob a proteção das reflexões do autor acerca da nossa humanidade, trazidas à luz em poemas escolhidos da obra em pauta. Advirto que pretendo fazer, aqui, um corte “horizontal”, abdicando de uma peregrinação miliar e diacrónica por todos os livros – e poemas avulsos – aqui reunidos.

Isto posto, meu texto terá um aspecto bifronte: por um lado, tentará descobrir que fontes culturais são essas e, por outro, buscará identificar, num único poema, o que pensa o autor sobre sua forma privilegiada de expressão artística. Não desconheço a existência e a relevância dos textos em prosa de Urbano Bettencourt, mas aqui, por óbvio, devo ficar adstrito ao objeto da revisão.

Gostaria de fazer um registo vestibular: este é um livro da dúvida, expressa pela grande quantidade de sentenças interrogativas que são disseminadas pelos diferentes poemas que o compõem. Quero dizer: Urbano Bettencourt não pretende nos trazer verdades sólidas, irretorquíveis, mas antes deixar patente a ambivalência que pede a cumplicidade criativa do leitor para que este possa ajudá-lo a decifrar as perguntas que ele próprio se coloca. E são dúvidas que atingem a essência do fazer poético, como revelando sua impossibilidade: *como dizer o ritual de retomar o gesto a crueza dos corpos entre as redes e as velas decompostos?* Ou, então, as imprecisões da História ao pensar no célebre quadro de Domingos Rebelo: *Estaria ausente o pintor quando / no cais antigo as mulheres / desembarcavam os maridos os baús / e as crianças?* Claro, algumas sentenças são apenas formalmente interrogativas, como, do mesmo poema: *Janelas / de Ponta Delgada, que horizontes vos não fixam / e se vos negam?* – trata-se, vê-se, de um recurso retórico, mas ninguém fica indiferente, e talvez fale mais do que as afirmações. Aliás, em todo o livro há um eu-lírico que, para além das contínuas perguntas, rejeita o tom categórico das afirmativas, ou ele existe de forma mitigada, escondendo-se na insinuação das metáforas.

Há, perceptível, a presença de um motivo que frequenta – antes com maior força, é verdade – a escrita daqueles açorianos que participaram da guerra colonial ou foram por ela afetados, e que exorcizam suas percepções quase sempre através da narrativa. Esse é um assunto que, parece, transita também para a segunda geração, isto é, a dos filhos e netos dos participantes da guerra, embora não saibamos, ainda, sua exata dimensão e durabilidade. Na vertente “canónica”, entretanto, os exemplos estão aí, e podem ser citados, dentre outros, e em ordem cronológica de publicação, José Martins Garcia [*Lugar de Massacre*, 1975], João de Melo [*Autopsia de um Mar de Ruínas*, 1984], Álvaro Oliveira [*Até hoje. Memória de Cão*, 1988] e Carlos Tomé [*Morreremos Amanhã*, 2007]. Esse viés, em Urbano Bettencourt, é mais visível em *Remuniciar o Tempo: 13 Poemas da Guiné*, incluído na coletânea que ora nos ocupa, e que nos traz a vivência desse conflito bélico.

Sua irrisignação à guerra transparece no poema “De Mafra, com mágoa”, sendo ali um lugar de preâmbulo de uma sequência que levaria à África: *Mafra é Mafra / e eu sou eu*. A eclipsar/explicar a aparente tautologia, vem a declaração pacifista: *Nunca apertei meus passos pelo ritmo das balas / nem perei a cabeça no alvo que procuras. / Por detrás da máscara eu lá estou / sem ódios, nem balas, nem guerras / despido / e com um ramo de cravos / em cada mão*. O que distingue nosso autor é a rara utilização do gênero poético para tratar da guerra [tal como, nos Açores, encontramos J.H. Santos Barros e, no Continente, Manuel Alegre]. Sua perspectiva já na Guiné, mais do que o horror e a denúncia de seus pares geracionais, alterna-se na diáde medo/enfado: *domingo tão chato / como a chatice antiga de ir ao domingo à missa*. Depois: *daqui escrevo este batuque de medo*. Não deixam de estar presentes, contudo, a raiva, a indignação, a saudade de casa, a solidariedade com a Guiné: *Aqui também em maio se escreveu / morte mágoa vértice de saudade, ou porque escrevo raiva / ante o cansaço de meus braços armas e depois: um país pisado / lilás / violado em cada noite pelas bombas*. O enfado e o medo, portanto, agem como catalisadores dessa raiva, dessa saudade, dessa compaixão, pois todas essas circunstâncias se interpenetram, gerando inesperadas realidades poéticas. Tentando resumir esta última reflexão: porque o poeta é um só, não apenas como poeta, mas também como homem, naturaliza-se a ideia, facilmente apreendida pelo leitor, de que nenhuma emoção é pura, mesmo quando estilizada pelo verso. No caso de Urbano Bettencourt, é possível dizer que ainda valem, e muito, os poemas de *Remuniciar o Tempo*: a universalidade dos sentires humanos garante-lhes plena justificativa neste século XXI. Essa é, aliás, a marca da boa poesia: ainda que datada, fala-nos desde sempre e para sempre.

Outro âmbito genético bastante disseminado por todo o livro é a figura feminina, transposta em metáforas aliantes. Trata-se de uma perspectiva de colocar-se ao lado da mulher que sofre, mas jamais no exercício da piedade, esse sentimento estéril. É uma atitude construtiva, que entende a mulher como um ser de padecimento numa sociedade ainda predominantemente masculina. Essa atitude é ampla, compreendendo também as mulheres da guerra: *como este lago de sangue / nascido nas pernas da mulher / violada pela milésima vez / e sempre virgem / teimosamente virgem*. Aqui uma exegese mais dilatada poderia inferir citações bíblicas subjacentes, e deixemos ao leitor que o faça, segundo seu modo de entender a fé. Já o lamento, a dor e a incompreensão têm residência no poema “Elis, essa mulher”, a cantora brasileira tão cedo e inesperadamente morta, sem *nenhum aviso prévio de peregrinação / à porta, nem um presságio*. É um poeta capaz de criar o sintagma: *a virtude das mulheres infieis* no notável “Cidades de Passagem”, subvertendo a lógica da moral comum. Aliás, temos de estar atentos. Urbano Bettencourt faz essa subversão a todo momento em *Com Navalhas e Navios*.

Esta revisão ficará incompleta se não assinalar a onipresença dos Açores, que são afinal, o lugar de nascimento e permanência, esta última com ausências pontuais. Muito longe estamos de Roberto de Mesquita e sua sensação conflitiva de encarceramento e infinitude, como bem detectou José Martins Garcia na obra do autor de *Almas Cativas*. Os tempos são outros, o poeta é outro. Em Urbano Bettencourt, sem a pretensão de buscar uma amplitude hermenéutica tal como proposta por Martins Garcia, é possível dizer que o poeta cultiva antes de tudo uma realidade insular inominada, o que pode levá-lo além do Arquipélago familiar, e eis aí

outra distinção relativamente aos seus coetâneos. Sa-be-se que o autor frequenta outros sistemas literários insulares. Como diz, *Tenho viajado muito / nem sempre na melhor altura*. E essas viagens ocorrem na busca, ainda que velada à consciência, de conceituar um designativo comum que una esses sistemas para além da língua partilhada e transformada. A tarefa não é fácil, tendo em conta a diversidade histórica e cultural desses universos em meio ao Atlântico. Já as ilhas de sua vivência medular são expressas em engenhosas e escolhidamente *naïves* “Quadras de Ilha” – a não esquecer Pessoa, que cultivou o gênero em *Quadras ao Gosto Popular* – mas, de igual sorte, suas metáforas abstratas, que, por vezes, vêm acompanhadas de um motivo inesperado, como o poema “A meu pai, construtor de barcos”: *tu fabricante de viagens / amordaçadas / arquitecto de ilhas / naufragadas*. A acompanhar esse inventário há, quase sempre, um olhar que revela algo de ténue sarcasmo, como neste “Postal de São Jorge”: *Sábado de manhã, abres a janela sobre o mar e as invisíveis laranjas / da Urzelina. Canal. A gente tá aqui é pra esperar. E o Pico sem mexer*. Quanto às outras ilhas fora do Arquipélago, temos Cabo Verde, a que o poeta lança um olhar positivo, de reconhecimento de uma arte fresca como a da cantora bem conhecida em São Miguel, Djuta Ben-David, da qual celebra *a discreta música de búzios / e conchas*, e que conclui com um brado enérgico e inequívoco: *Sodade de Cabo Verde*. Ainda Urbano Bettencourt escreve um poema cheio de doçura e enternecimento à “sabedoria” das cabras de Cabo Verde, que *envelheceram demasiado cedo / a interrogar o mistério do sal / e do vento*. Também às Canárias ele tem os olhos prendidos, como em “La Gomera”, que *é um gomo de mistério / na sua casca de cinza / e noite*. Digamos assim: se a vida no seu Arquipélago natal vem às vezes carregada de tantas dúvidas e eventuais críticas e ironias, o refúgio moral do eu-lírico encontra amparo noutras ilhas, ainda virgens ao seu olhar, e é lá onde ele põe toda sua reserva de descobertas.

Quando Urbano Bettencourt se volta para o fazer do artista da palavra – passe a expressão um pouco desfasada – muito poderia ser dito, mas creio que a *summa* está visível num momento capital deste livro. Tudo está ali. É uma declaração de princípios, eu diria, quase um manifesto, se ainda vivéssemos em época de manifestos literários. Peço desculpas pelo tamanho da citação, mas isso é necessário por sua importância: *Fazer versos dói? Não! As tecnocracias / literárias também fazem fermentar os seus vates voadores / de cinco e mais estrelas compondo em papel de cor / e perfumado suaves consolações, perversas constelações / ao Dicionário de Rimas arrebatadas. / O que dói é arrancá-los / assim ao próprio sangue como se um filho fora, erguê-los / à boca, dar-lhes um nome e nisso inscrever / a nossa morte. A nossa vida*. O leitor já entendeu que o poeta não faz concessões à escrita fácil, aquela que não brota da dor e da profunda relação entre a vida – ou a morte – e o poema; enfim, insurge-se com o poema feito de artifícios da superficialidade, das “tecnocracias literárias”, e, ao contrário disso, ele prega a verdade do poema que emerge das entranhas sanguinolentas, “como se um filho fora”.

Chegou o momento de resumir. Urbano Bettencourt, na sua reunião de poemas em boa hora publicada pela admirável Companhia das Ilhas, constituiu-se num poeta de consistência autêntica, persistente no seu ofício, erudito – haja vista as dezenas de alusões culturais – capaz de ser lido por qualquer geração, hoje e amanhã, e que ainda irá dar aos seus leitores muito mais de sua inequívoca vocação.